



Os princípios da tonalidade e as respostas de Schoenberg

PAZ, Juan Carlos: Introdução à música de nosso tempo, São Paulo, Duas Cidades, 1976, p. 110-111. ¹

De que bases racionais parte o critério de relatividade tonal formulado por Schoenberg, no duplo aspecto da teoria e de sua aplicação prática? Do livre exame dos princípios tradicionais referentes à tonalidade. Recordemo-los brevemente para depois registrar as respostas oferecidas por Schoenberg a esse respeito:

- A escala diatônica está constituída por cinco tons e dois semitons gerados pela série de quintas consecutivas, e também pelos acordes de tônica, de dominante e de subdominante. Considera-se esta disposição como natural, já que corresponde à natureza de nosso ouvido.
- Como resultado da ordem conjunta, estes não compartilham de uma hierarquia equivalente, mas gravitam para outros graus de maior atração e importância. Esta atração para zonas de maior influência pode ser tonal ou funcional, mas em todo caso, a organização do sistema diatônico fundamenta-se especificamente na relação dos graus da escala entre si.
- Considera-se fundamental a oposição entre consonância e dissonância, baseada em princípios naturais de agrado e desagrado, de repouso e movimento, de contração e distensão.

Frente a estes axiomas seculares, Schoenberg responde de forma lógica e concludente, estabelecendo sobre aquela realidade concreta, diversas premissas renovadoras:

- A escala diatônica é uma organização arbitrária dos sons, visto basear-se nos harmônicos escolhidos entre os que mais se ajustavam à limitação auditiva da época que fundamentou essa escala temperada. Uma vez esgotada os recursos desta, que fora, por seu turno, codificada quando os modos medievais concluíram seu ciclo, podem-se conceber, do mesmo modo, outras estruturas tonais que, chegando o nosso ouvido a admiti-las, serão tão naturais como aquela.
- O critério para a aceitação das consonâncias e das dissonâncias depende unicamente de sua perceptibilidade. Os harmônicos mais próximos geram as primeiras e os mais distanciados originam as outras. A História da Música demonstra que os conceitos de consonância e dissonância não são imutáveis no tempo, mas, pelo contrário, modificam-se segundo as épocas.²
- Se considerarmos os harmônicos mais afastados – até o 13º - dos três graus fundamentais – tônica, dominante, subdominante – deparamos com a escala cromática, de origem tão natural quanto a escala diatônica. Na escala cromática não existem notas sem zonas atrativas; qualquer de seus graus o pode ser - segundo disponha a fantasia ou a lógica do compositor, de acordo com a expressão - a estrutura ou o estilo de uma composição determinada.
- A tonalidade não é um valor absoluto, e sim, pelo contrário, o compositor deve criá-la e mantê-la com vários recursos. Chegando-se a obter com outros meios a lógica de uma peça de música, pode-se prescindir da tonalidade ou relegá-la a um plano secundário. Por outro lado, a contínua assimilação de novas dissonâncias e a ampliação do campo auditivo, obrigam a uma renovação dos conceitos de tonalidade.³

¹ Disponível em: <http://sites.uol.com.br/adriano.gado/principio.tonal.htm>

² O conceito consonância-dissonância perdeu, atualmente, toda significação. O objetivo alcançado era o acorde, criação com caracteres e finalidade essencialmente pessoais.

³ A tonalidade não só não é um valor absoluto como tampouco é indispensável, segundo o demonstram os músicos orientais e os da Idade Média.